Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2351unse

ANO XXIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1947 — N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Problemas Humanos . . . . . *Redação*
A Vidente de Prevorst . . . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Confederação Espíritica Pan Americana (CEPA) . . . . . *C. E. P. A.*
Loucura Progressiva . . . . . *Leopoldo Machado*
Espiritismo e Psicanálise . . . . *Carlos Imbassahy*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
Os Discípulos de Jesus . . . . . *Aurelio A. Valente*
Sugestão e Atitude Mental . . . . *Adauto de Oliveira Serra*
O Espírito Criança . . . . . *J. B. Chagas*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
Espiritismo e Loucura . . . . . *Djalma Farias*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . . *Redação*

LIBRARY OF PRINCETON THEOLOGICAL SEMINARY
NOV 15 2006

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1947 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

PROBLEMAS HUMANOS

A humanidade começa a entrar numa nova éra em que novos sistemas, tendentes a resolver os magnos problemas humanos, estão sendo experimentados. Até agora, a-pesar dos esforços hercúleos empregados pelos homens de evidência no cenário político, tais problemas continuam insolúveis, desafiando diplomatas, economistas, cientistas, escolas antigas e modernas, religiões e filosofias.

O sistema democrático que há séculos vem dirigindo a vida da humanidade não deu os resultados satisfatórios que todos esperavam. O atrito entre o capital e o trabalho continua a jogar faíscas por todos os lados e, se não aparecer a tempo uma fórmula conciliatória, veremos o crepitar das suas châmas a devorar os restos de uma civilização decaída, sôbre cujas cinzas se erguerá naturalmente um novo mundo baseado na justiça.

O fascismo e o hitlerismo, de triste memória, e o comunismo que vem sendo um verdadeiro espantalho para os açambarcadores e os *trustistas* que, como vampiros, sugam até a última gota da economia popular são os frutos amargos do sistema democrático que, como as religiões dominantes, falhou na sua missão de bem servir a todos com equidade, de vez que protege meia duzia de aventureiros insaciáveis, em detrimento de milhões e milhões de creaturas que vivem na miséria, sem roupa, sem pão e sem remédio, enfim, sem a menor proteção dos responsáveis pela sua situação aflitiva.

E' claro que o mundo não póde ficar como está. Ha de surgir, nêsse cáos, alguma cousa que ponha tudo no seu devido eixo. O sistema democrático, as ideologias e governos ditatoriais jamais resolverão a magna questão, porque se pudessem já o teriam feito ha mais tempo, uma vez que já foram postos à prova.

Existe atualmente um movimento trabalhista destinado a socializar os povos sob a égide da justiça, movimento êsse que vai ganhando terreno nas massas trabalhistas, que são realmente o esteio da sociedade, das nações, de vez que sem o produto do operário e do lavrador, ninguém, por mais rico e poderoso que seja poderá subsistir. Sem o alimento em primeiro lugar, e a roupa em segundo, as utilidades, o dinheiro, o poder, etc., tornam-se cousas sem o menor valor e até mesmo inúteis.

Os *lideres* dêsse movimento pensam resolver assim, a contento de todos, empregados e empregadores, a questão social. Conseguirão eles pleno êxito nêsse louvável intuito?

Duvidamos. Não que sejamos pessemistas, pelo contrário, como espíritas, temos a obrigação de ser sempre otimistas, uma vez que vemos em tudo isso a execução, sem perda de um til ou de um i, das predições de Jesus. Duvidamos precisamente porque somos otimistas, senão vejamos:

O nosso mundo, *que é uma das muitas moradas da Casa do Pai*, é procurado, por fôrça da lei de evolução, pelos espíritos que ainda necessitam libertar-se das injunções inferiores da materialidade, dos seus vícios e paixões, afim de poderem habitar mundos superiores. Estão aptos a comprender as cousas, têm faculdade de discernir o bem do mal, mas são ainda escravos de imperfeições morais ou espirituais. Uns mais atrasados, outros mais adiantados, mantêm entretanto entre si algo de afinidade. Os mais atrasados não podem sentir a mesma paz de espírito que sentem os mais adiantados e nem ver as cousas mais claras que êstes.

Os mais adiantados sabem cumprir os seus deveres, respeitar e ajudar os seus semelhantes, conhecendo que os bens materiais são provas talvez mais pesadas que os sofrimentos físicos, por isso que têm fôrças para renunciarem tudo o que é terreno e que sirva de estímulo ao orgulho e à vaidade.

Havendo desigualdade de condições morais e espirituais, de inteligência e raciocínio, como se poderá fundar uma sociedade em bases firmes, em que imperem realmente a justiça e o espírito de fraternidade?

Não basta socializar as massas, é preciso antes que tudo sociabilizá-las cristãmente, isto é, dar-lhes instrução moral e espiritual, para que elas compreendam e cumpram os seus deveres de solidariedade fraterna, construindo o templo de uma sociedade verdadeiramente cristã. Se não houver um movimento nêste sentido, tudo o que se fizer a respeito não atingirá o seu fim e as lutas continuarão por tempo indeterminado, causando males inenarráveis.

E' preciso sociabilizar sob a moral cristã e não socializar apenas. Socializar é reunir em sociedade, uma reunião na qual, a par de meia duzia de esclarecidos, existem milhões de fanáticos, ignorantes, perversos, etc. Sociabilizar é educar. E para a educação ser completa é preciso a prática da moral cristã, do Evangelho de Jesus interpretado em espírito e verdade.

No momento conhecemos sómente uma escola que sabe sociabilizar as massas — o Espiritismo. Pretender acabar com a miséria e a especulação apenas para satisfazer as aspirações materiais das massas, que se fossem ricas e poderosas fariam o mesmo que fazem os magnatas, é malhar em ferro frio.

Educar moral e espiritualmente as massas é o que se deve fazer já, se efetivamente quisermos que a justiça e a solidariedade fraterna estabeleçam o seu domínio nêste mundo.

Esta tarefa não foi confiada a nenhuma das religiões tidas como oficiais, porque já faliram no seu trabalho de evangelização, nem a nenhum dos homens que se movimentam no tablado das competições humanas. Foi confiada ao Espiritismo sómente, porisso que a difusão desta doutrina equivale a sociabilizar cristãmente as massas, para que, libertas das suas imperfeições morais e espirituais, possam constituir um só rebanho com um só pastor — o Cristo de Deus.

Os males que afligem os povos atualmente são o prenúncio de melhores dias em um futuro um pouco distante ainda, porque o progresso não dá saltos. Porisso que sustentamos o nosso otimismo, muito embora a procela aumente a sua fúria de hora em hora.

O corpo, sendo exclusivamente material, passa pelas vicissitudes da matéria; depois de ter funcionado por algum tempo, desorganiza-se e decompõe-se. O princípio vital, por não achar mais elementos para a sua atividade, extingue-se e o corpo morre. O Espírito, para quem o corpo privado da vida daí em diante não tem utilidade, deixa-o como se abandona uma casa em ruinas ou uma veste imprestável. — A. KARDEC.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

Chegada da vidente a Weinsberg

Quando chegou a Weinsberg, a 25 de Novembro de 1926, era a sra. Hauffe uma perfeita imagem da morte: descarnada como um esqueleto e incapaz de manter-se em pé ou de deitar-se sem auxílio alheio. Era preciso dar-lhe, a todos os momentos, uma colher de caldo, que não podia engulir e que, muitas vezes, deitava fóra. Se não se fizesse isso, desmaiava ou tinha convulsões. Êla pressentia certo número de sintomas inquietantes e cada noite, às 7 horas, caía em estado sonambúlico, que era comumente precedido de um cruzamento de braços e de uma prece. Depois os estendia, deixando-os repousar sôbre o leito e começava a falar, mantendo os olhos fechados e as feições animadas.

No dia da sua chegada, desde que adormeceu, ela me chamava, mas lhe fiz ver que só a veria quando estivesse acordada. Despertou então e eu me transportei para perto dela, dizendo-lhe, em tom breve e sério, que estava decidido a não dar atenção ao que diria durante o seu sono e que não queria mesmo que se me desse conhecimento disso. Acrescentei que êsse estado sonambúlico, que causava tantas inquietações aos seus amigos, devia ter fim. Apoiei essa declaração com expressões muito enérgicas, porque tomára a firme resolução de tratar do seu caso só pelos recursos ordinários da medicina. Proibí se ocupasse dela quando se achasse em seu estado sonambúlico e iniciei um tratamento homeopático regular, mas as doses dos medicamentos, mesmo as menores, produziam nela efeitos opostos aos que eram de se esperar. Apresentou vários sintomas alarmantes e tornou-se muito provável que o seu fim não tardaria: todos os seus amigos chegaram a êsse resultado.

Era já muito tarde para que o meu plano tivesse qualquer probabilidade de sucesso. Sob a ação de influências magnéticas de diversas espécies, seu sistema nervoso fora levado a um estado tão excepcional e anormal que não lhe era possível viver mais tempo por sua própria fôrça nervosa, mas só pela que lhe transmitiam outras pessoas. Fiquei convencido disto depois de bem pouco tempo. Ficava-se espantado ao vêr com que segurança ela indicava, durante seu sono, os meios que deviam curá-la e, com grande vergonha sua, o médico era obrigado a verificar quanto os meios, que ela prescrevia, superavam em eficácia tudo o que a sua farmacopéia podia fornecer.

Assim, depois de ter, durante várias semanas, mantido o meu tratamento médico, perguntei-lhe, quando em estado de vigilia, se um tratamento magnético regularmente ministrado lhe seria ùtil, dizendo-me ela que não poderia responder-me senão à noite, pelas sete horas, quando se lhe fizessem passes magnéticos. Como eu estivesse bem resolvido a evitar os processos magnéticos, encarreguei um amigo de fazer os passes, do que resultou ela dizer que um tratamento magnético, cuidadosamente seguido durante sete dias, muito contribuiria para restituir-lhe as fôrças.

Êsses passes diários resultaram, com profundo espanto seu, porque ela não sabia o que se executava, em fazê-la sentar-se na cama no dia seguinte, sentindo-se mais forte do que nunca, desde o começo do seu tratamento. Prosseguiu-se, então, durante vinte e sete dias, um tratamento regular, observando-se, estritamente, todas as instruções que ela dava durante o seu sono e se puseram de lado todos os outros meios.

Ainda que o restabelecimento completo de sua saúde fosse impossível e permanecessem sempre sintomas penosos, essa infeliz mulher foi tão grandemente aliviada por êsses meios quanto era de se desejar num caso de tal natureza, porém o abalo, que ela experimentara por ocasião da morte de seu pai, neutralizava essa influência benfazeja e, desde então, a sua vida não parecia manter-se senão por um fio.

Os acontecimentos dessa vida interna, as numerosas indicações sôbre a vida interior do homem, sôbre a existência de um mundo de espiritos em torno de nós, assim como sôbre o que podemos chamar de tempo em que a nossa alma, liberta da matéria que pesa sôbre ela, desenvolveu suas asas para voar, sem óbices, através do tempo e do espaço, constituirão a matéria deste volume. Limitar-me-ei a citar os fatos, deixando a outros o cuidado de interpretá-los.

Já se propuseram bastante teorias para explicar tais fenômenos. Eu os conheço, mas que me seja permitido não adotar nenhuma delas. Quero apenas procurar mostrar, citando diversos exemplos de aparições do mesmo gênero, que as revelações dessa sonâmbula nada descobriram que não seja natural e que já não tenha sido observado, mas as visões dessa natureza, que atravessam o espesso invólucro da vida ordinária, não são mais que vestígios da luz de uma região superior.

(Continua)

CONFEDERAÇÃO ESPIRÍTICA PAN AMERICANA (CEPA)

ELEITO SEU CONSELHO EXECUTIVO

Na Presidência o Delegado da Liga Espírita do Brasil

Em data de 28 de Abril último, na séde da Confederação E. Argentina (CEA), a calle Sanchez de Bustamante 463, em Buenos Aires, na República Argentina, onde se realizou o 1.º Congresso E. Pan Americano, sob a Presidência de Delfino Ferreira, Delegado da Liga E. do Brasil e Representante da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, da Federação E. do Paraná, da «Revista Internacional do Espiritismo» e do jornal «O Clarim», de Matão, S. Paulo, Congresso cuja finalidade, com êxito alcançada, foi a fundação de uma Entidade Federativa do Espiritismo organizado nos países das Americas, instalou-se esta, representada na CONFEDERAÇÃO E. PAN AMERICANA (C E P A), uma vez organizado, afinal, o *Conselho Federal,* que é constituido dos Representantes de todas as Entidades interamericanas adesas, quer hajam se feito representar ou não naquêle Congresso, tendo as que ao mesmo aderiram, fazendo-se ou não representar, o título de FUNDADOR em se filiando ao novel organismo. Outrossim igual título cabe ás individualidades que ao mesmo Congresso aderiram.

O Brasil está representado na CEPA pelas seguintes Entidades: Liga Espírita do Brasil, Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, «Revista Internacional do Espiritismo», C. E. «Estrada de Damasco» (E. do Rio de Janeiro) e «Tribuna Espírita», de S. Paulo. Relativamente ás adesões pessoais não temos elementos suficientes para uma informação completa aos nossos leitores.

Representam, no *Conselho Federal* da CEPA aquelas Entidades brasileiras os seguintes confrades portenhos, devidamente credenciados: Engenheiro Sr. José Salvador Fernandez, da Comissão Diretiva da Sociedade «Constancia», a decana das Entidades espiríticas argentinas; Snra. Rosa H. de Garcia Romano, Presidente da Comissão Feminina de Cultura e Assistência Social da CEA; Sr. Santiago Bossero, ex-membro da Mesa Diretora do referido Congresso e de Secretariado organizador da CEPA; Sr. Hugo Nale, Presidente da CEA, ex-2.º vice-presidente do Congresso, ex-membro do citado Secretariado e presidente da Comissão Organizadora do Congresso; e Sr. Albireo Bárcon, ex-con-

gressista e elemento de alta projeção na Sociedade «Constancia» por sua cultura e autoridade na doutrina.

Reunidos todos os membros do Conselho Federal, trocadas idéias em torno de determinadas exigências estatutárias, resolvidas todas as dificuldades e aplainados todos os obstáculos, procedeu-se à votação para os diversos cargos do *Conselho Executivo*, por voto secreto, e para cada cargo de per si. Destarte, feita e apurada a votação para o de PRESIDENTE DA CEPA, resultou eleito o Sr. Engenheiro José S. Fernandez, ex-3.º Vice-Presidente do 1.º Congresso E. P. Americano, e membro do *Conselho Federal* como Delegado da LIGA ESPÍRITA DO BRASIL.

A seguir foram eleitos, sucessivamente:

1.º Vice-Presidente: Sr. Natálio Ceccarini, ex-congressista, e Diretor da Revista «LA IDEA», órgão oficial da CEA. Representante da Sociedade de Estudos Metapsíquicos, do Chile;

2.º Vice-Presidente: Sr. Bienvenido Roque, Representante da CEA, ex-Congressista, Relator do ante projeto de Estatutos da CEPA e Presidente do Ateneu de Buenos Aires;

Secretário Geral: Dr. Luis Di Cristóforo Postiglioni, Representante da Federação E. de Porto Rico, ex-secretário geral da Comissão Organizadora do Congresso e também dêste; da Comissão Diretiva da Soc. «Constancia» e Secretário da Revista «Constancia»; Delegado, no Congresso, da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro;

Secretário Administrativo: Sr. Albireo Barcón, Representante da «Tribuna Espírita», de S. Paulo, Brasil;

Secretário de Relações: Sr. Prof. Eugenio Fioravanti, ex-congressista, relator de uma de suas mais importantes Comissões, Representante dos Estados Unidos, pelo Centro Caridad, New York;

Secretário de Imprensa e Propaganda: Sr. Humberto Mariotti; Representante da Soc. Victor Hugo, de Buenos Aires; ex-congressista e membro da Mesa Diretora, e do Secretariado organizador da CEPA por Delegação do Congresso;

Tesoureiro: Sr. Francisco Garcia Romano, Representante da Soc. «Te Peddono», de La Plata. Ex-congressista, membro da Mesa Diretora do mesmo e elemento ativo e de valor na CEA;

Vice-Tesoureiro: Sr. Hugo Nale, Representante do C. E. «Estrada de Damasco», Brasil;

Vogais: Srs. Nicolás Galasso, Representante da Soc. La Fraternidad, de Buenos Aires; e Santiago Bossero, Representante da «Revista Internacional do Espiritismo», Brasil.

De 5 representações brasileiras quatro integram o *Conselho Executivo.*

Temos, assim, em início de marcha, transformada em facto, a idéia de que resultou a criação da CEPA.

Que as Entidades e os Espiritistas de todas as nações das três Américas COMPREENDAM O ALCANCE ESPIRITUAL dêsse empreendimento, vendo na CEPA um órgão de confraternização antes que de mando; um organismo menos de sistematização que de difusão da Doutrina; uma entidade que pretende ser cérebro e coração, não braço diretor ou executor: que pretende *federar* para irmanar, para confraternizar, tornar-se o fio que una entre si todas as entidades espiríticas americanas, sem, todavia, criar-se um exclusivismo continental, tanto que de seus Estatutos consta sua adesão, em tempo, à Internacional de Paris.

Que o Brasil Espiritista, que tanta responsabilidade tem na expansão e prática da Doutrina, responsabilidade que lhe advém de sua atividade doutrinária, de suas iniciativas, de sua estuante atuação, possa compreender, êle mais ainda que as outras nações irmãs, o papel que a cada uma dessas nações cabe nêsse movimento, mormente considerando a éra que vivemos, de luta e de «experimentações».

A Confederação E. Pan Americana (CEPA) precisa e deve crescer, viver, produzir para colher. E a seiva mais forte ainda está na ação do Brasil espiritista, que, portanto, mais tendo, mais deve dar.

E' preciso compreendermos, nós todos, povos da América Espiritista, que de nossa união, da coesão de nossos esforços espirituais depende o futuro do Espiritismo, não apenas na América, mas NO MUNDO!

Nascido ou renascido na América, passando para a Europa, o Espiritismo retornou à América, e, nesta, está no Brasil sua maior expressão de luz e de amor. De ação e, quiçá, de Liberdade.

E' por esta Liberdade que precisamos lutar, dentro de uma ação pacífica

que sómente na união de todos poderá encontrar sua fôrça, sua vida.

«Ninguém tem o direito de *por-se à margem dos grandes movimentos de união espiritual, AINDA QUE NO FIM, FRACASSEM*», como superiormente se expressou José da Costa Filho justificando a adesão da «Revista Internacional do Espiritismo» à CEPA.

O 2.º Congresso E. Pan Americano, como ficou resolvido em plenário do 1.º, se realizará no Brasil, naturalmente no Rio de Janeiro (é idéia de para outras vezes que a reunião toque ao Brasil, escolher-se S. Paulo, Belo Horizonte, e sucessivamente outras cidades). A presidência da Comissão Organizadora, caberá à Entidade Nacional de maior quadro associativo. E' bom irmos pensando nisto desde já...

LOUCURA PROGRESSIVA

Leopoldo Machado

Os males, mais do que as venturas, nunca vêm só.

E' mais forte entre as desgraças a lei de afidades.

Por isso é que a guerra é mal que nunca vem só.

Depois dela, a fome, as epidemias, as loucuras não faltam.

Falemos um pouco do último dos males aí enfileirados.

Pouco antes da guerra, o psiquiatra americano, Henri Soulivan, lançou ao mundo o brado de alarme contra a loucura universal que o dominava. E disse que a humanidade, louca, ou esquizofrênica, preparava, na sua loucura, a maior e a pior das guerras.

A guerra, que testemunhámos, deu razão ao psiquiatra.

Está, quasi, a terminar...

E a loucura?

As dificuldades que as nações vencedoras estão encontrando para firmar a paz; dificuldades bem maiores do que as que demandaram para vencer os inimigos, e a quantidade de loucos por toda parte, estão gritando, *altissima voce*, que a loucura progride desbragadamente.

E contra mal tão grande, que providências sérias a tomar?

Com a palavra ilustre médico patrício, dr. Mirandolino Caldas, autoridade no assunto, através de jornal dos mais lidos: *O Globo*.

Dí-lo assim o ilustre médico:

«Nenhum sistema, nenhuma politica sanitária, nenhuma política assistencial conseguiu, até hoje, frear a loucura em nenhuma parte».

Em toda parte, sim!

Até nos países líderes, no momento, por seu poderio militar, por sua cultura, por seus recursos formidáveis.

Temos diante dos olhos substanciosa estatística da loucura declarada, porque de enfêrmos hospitalizáveis, nos maiores países do mundo.

Queremos, porém, focar os três mais respeitáveis: Estados Unidos, Inglaterra e Russia.

Os loucos nos Estados Unidos, que andam a superlotar os manicômios, dariam para superpovoar duas capitais brasileiras: Recife e Salvador.

Povoariam Porto Alegre, e ainda sobraria muita gente louca, os da Inglaterra.

Os da Russia superpovoariam Belem do Pará e S. Luiz do Maranhão.

Loucos hospitalizaveis, note-se bem.

O «estado maior da Loucura», quê o grosso da tropa, lá por fóra dos manicômios.

E muitos, com situação de destaque e de mando, no comércio, na política, nas indústrias, nas ciências...

E essas nações líderes, que disposeram de recursos para esmagarem inimigo tão poderoso na última guerra, dispõem de meios para atender a todos os estigmatizados por mal tão terrivel?

Absolutamente!

Basta citar um só caso: o da Russia.

Para abrigar seus duzentos mil loucos, a grande e poderosa Russia não dispõe de mais de 40.000 leitos, segundo o depoimento do psiquiatra russo, Prozoroff...

E trata-se de uma nação que já resolveu a questão social, correndo sua política e seu governo ao encontro do povo!

Como será a situação de tão grandes infelizes entre os povos vencidos?

Na Alemanha, por exemplo, os manicômios estão pondo os loucos na rua, por excesso de candidatos a êles e por falta de recursos para mantê-los.

De um país muito nosso conhecido, certo cronista muito vosso conhecido ouviu, uma feita, de ilustre alienista o seguinte: «Se o governo pusesse aqueles infelizes do Hospício encostados á parede e mandasse fuzilar a todos, faria maior obra de caridade, creia, do que dar-lhe o tratamento e a assistência que lhes dá!

Parece que a época é de loucura progressiva.

Tão grande, que dela escreveu o médico acima citado: «A população manicomial cresce, cresce sempre em todos os países. Cresce naqueles que facilitam amplas acomodações hospitalares, como os Estados Unidos e Inglaterra; cresce nos que procuram poupar as acomodações, como a Alemanha, a França, a Italia e muitos outros países; cresce, finalmente, naqueles que procuram reduzir e comprimir, a todo custo as referidas acomodações, como a Russia Soviética»...

Tão deficiente e imperfeita é, ainda, a assistência que as nações conferem aos seus loucos, que proíbem, ou criam embaraços áquilo que, querendo colaborar, *sponte sua* e gratuitamente, com os governos, se propõe a diminuir a loucura à face do Planeta: o Espiritismo.

E é o Espiritismo a única terapêutica de molde a curar 90 °/o dos loucos que abarrotam os manicômios, que se cruzam conosco, a todo instante, por aí, em virtude de 90 °/o serem mais obsidiados do que loucos! E de estarmos vivendo a hora apocalíptica da soltura, por algum tempo, do Satanaz (leva de espíritos imundos que desceram à Terra, afim de tentarem todos os povos, a *Gog* e a *Magog*), empurrando-os à guerra e à loucura. (Apoc. XX – 8). E de ser a Terra, atualmente, a casa varrida e ornada, a que seus espíritos imundos, dela egressos ha séculos, estão voltando, trazendo cada um consigo sete espíritos ainda piores. (Mat. XII—43 a 45).

E só o Espiritismo se propõe, em nome do Cristo, a colaborar com os governos nêste passo, sem pedir, quasi sempre, aos governos nada mais além da permissão de poder agir, curando, assistindo, confortando os doentes...

Para nós, nenhuma obra é mais meritória, porque cheia de mais renúncias e abnegações dentro do Espiritismo, do que a cura de obsidiados, do que a manutenção de casas para tais fins.

Que nos importam a nós que teóricos «Mestres em Israel» andem a gritar, para implícita justificativa de sua descaridade e de seu comodismo, dentro duma Doutrina que não comporta comodistas, que o Espiritismo não existe para isso?

O Espiritismo existe para tudo que possa beneficiar a humanidade.

E beneficiá-la, arrancando-a da loucura é a maneira mais santa do benefício!

Nunca é de mais, portanto, prestigiar obras com o *desideratum* de combater a loucura, cooperando e colaborando com os que lhes estão à frente, porque tais obras são as mais altruísticas que se constroem em nome da Doutrina e do Cristo.

E' êste, pois, o caso do *Sanatório Espírita*, de Uberaba, da *Casa Allan Kardec*, de Franca, do *Sanatório Américo Bairral*, de Itapira, do *Asilo Deus, Cristo e Caridade*, de Itapemirim, do *Hospital Espírita*, de Porto Alegre, todos em franco funcionamento. E do *Bom Retiro*, de Curitíba e *Pedro de Alcantara*, inaugurados a entrarem em pronto funcionamento. E do *Sanatório Jesus*, de Cruzeiro, em vias de construção.

Combater a pról de tais instituições é, por certo, «combater o bom combate», a despeito de teóricos e comodistas «mestres em israel» andarem a escrever por aí que tais obras devem estar na alçada dos governos e não do Espiririsno...

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Espiritismo e Psicanálise

CARLOS IMBASSAHY

Passando a vista pelo ótimo jornal que é «O *Estado de São Paulo*», deparou-se-me um artigo do Roger Bastide, «O Espiritismo ponto de encontro da Psicanalise e da Sociologia».

Para êsse autor o «Espiritismo oferece em todas as suas sessões, romances do inconsciente, cuja leitura é facil», E de fato, com muita «*facilidade*» vai êle resolvendo, com os complexos da Libido, o complexo de Edipo, o rancor ao pai, a ambivalência de sentimentos e outras coisas, essencial e admiravelmente psico-analíticas, tôdas as manifestações espiritas. Todas, veja-se bem.

Antes de analisar, por meudo, o artigo do ilustrado sr. Bastide, convém assinalar os êrros da doutrina, nêsse particular, o que faz supor que tôdas as demais locubrações dos mestres da Psicanálise se revestem dos mesmos enganos.

Convém notar, desde logo, que os imaginosos analistas, substituem com indisfarçável sem-cerimônia, os fatos patentes, insofismáveis, prováveis e probantes do psiquismo, pelas suas indemonstráveis teorias. A essas teorias, cujo pedestal seguro não se sabe onde está, chamam êles de ciência, enquanto os fatos da metapsíca são para êles os romances do inconsciente; tudo provém das vegetações que se alastram pelos fundalhos da alma, vegetações que êles foram descobrir, por uma acuidade especial que nos falha.

O romance pois, é o nosso.

Como, porém, nunca vimos os dados positivos em que se fundam as suas conjeturas, e, pelo contrário, o que notamos é que os fatos os desmentem, somos levados a crer que se trata de uma ciência dogmática, de cujos segredos são detentores, apenas, alguns privilegiados.

Há a considerar, mais, que os princípios da doutrina se devem figurar indiscutíveis aos novos levitas, visto que, em regra não descem a nos explicar as dúvidas, mormente quando as firmamos em provas concretas. E' bem de ver que os axiomas não se discutem. Eles se limitam, então, do alto em que se colocam, a lamentar, talvez, a nossa pequenez intelectual.

Mas isto que poderá parecer um gesto de alta superioridade, não passa de um gesto de alta prudência, porque, absolutamente inscientes na matéria, a consciência ou subconsciência lhes está a dizer que êles se embrulhariam completamente se se metessem pelos difíceis ou desconhecidos caminhos da explicação.

Vejamos, agora, aquêles axiomas do ponto de vista que nos interessa, e vamos ao eminente chefe dos postulados. Na obra de Freud — O *Futuro das Religiões,* encontramos o seguinte:

> «Os espiritistas, que se declaram convencidos da perduração da alma individual e nos querem demonstrar êste princípio da doutrina religiosa, não conseguem, por desgraça, rebater vitoriosamente a objeção de que todas as aparições e manifestações de seus espíritos não são mais que produtos de sua própria atividade psíquica. Têm evocado o espírito dos grandes homens e dos mais eminentes pensadores, porém todas as manifestações e todas as notícias por êles obtidas são tão simples e tão desconsoladoramente vazias, que o mais que podem provar é uma singular capacidade dos espíritos para adaptar-se ao nível intelectual daqueles que os conjuram».

Por êste pequeno trecho se nota até onde vão os conhecimentos do Mestre. Parece que não será fácil encontrar-se em tão curto período errônias de tanta monta.

Cumpre notar, desde logo, que a perduração da alma é assunto de que trata a parte filosófica ou científica. Mostremos, agora, como é inverdadeira, absolutamente falsa, a afirmativa de que as manifestações são produto da própria atividade psíquica, são desconsoladoramente vazias e adaptadas ao nível dos que as conjuram.

Basta-se lêr qualquer descrição de um facto, em Metapsíquica, facto de certo valor, e para logo se notará o espantoso engano que o professor Freud levou aos seus desprecavidos discípulos e transmitiu à posteridade. Exemplifiquemos, *à vol d'oiseau.*

Por pequena mesa de três pés é in-

vocado o espírito de Byron. E o poeta responde :

Vex not the bard, his lyre is broken,
His last song sung, his last word spoken.

«Não importune o bardo; está quebrada a sua lira, cantada a sua última canção, dita a sua última palavra».

Ninguém na mesa sabia inglês.

A literatura psíquica sôbre essa modalidade do fenômeno — intitulada *xenoglossia* ou manifestação em línguas estranhas — é vastissima. Nada disso, porém, chegou, algum dia, aos ouvidos do prof. Freud, como não chega hoje aos de seus seguidores.

Barkas apresenta a uma senhora, sem qualquer cultura científica, várias perguntas, em várias sessões; eram elas ligadas aos diversos ramos da ciência, e êle, para as formular, ou recorria aos especialistas no assunto, ou as estudava prévia e longamente. Refere o conhecido experimentador :

«Eis o problema que se apresenta: uma mulher de instrução comum deu respostas a diversos assuntos científicos, cuidadosamente elaborados no decurso de trinta e sete noites, prolongando-se a sessão por três horas de cada vez. Essas respostas são de tal ordem que não se encontra um homem na Inglaterra que pudesse fazer outro tanto».

Seria preciso estar enfronhado nos mistérios da psicanálise para verificar que aquilo que, para Barkas, não poderia ser reproduzido por ninguém na Inglaterra, não passava de um vazio desconsolador.

Multiplica-se e se espalha pelos anais do psiquismo o fenômeno das mensagens literárias ou científicas recebidas por pessoas sem instrução ou de cultura medíocre :

A uma senhora é transmitida a obra universalmente conhecida — *A Cabana de Pai Tomaz*. Ester Dowen, que não é romancista nem dramaturga, apresenta peças do Espírito de Oscar Wilde. Chega a um mecânico, por via mediúnica, a parte final de um romance: era aquilo, nada menos, que a continuação da obra de Dickens, intitulada Edwin Drood. As duas metades se acolchetavam de tal ordem, que não se lhes podia descobrir a cisura. Buckner aproveita em seus trabalhos científicos trechos e passagens de um livro intitulado *Arcana of Nature*. Grande, porém, foi o espanto do filósofo alemão quando soube que os extratos provinham de um Espírito, que os transmitia a um abegão, Hudson Tuttle. Rosemary assombra os egiptólogos e arcaistas inglêses com as suas lições sôbre a língua egípcia do tempo dos faraós, dos costumes dessa época, e ainda porque escrevia naquele idioma. Francisco Xavier, entre nós, é o conhecido autor psicográfico de versos e de prosa de eminentes poetas e escritores patrícios falecidos.

* * *

Tambem não chegaram aos ouvidos de Freud que os espíritos se materializam e que as chapas fotográficas os retratam, e que as balanças os pesam, e que vários outros aparelhos lhes demonstram a presença; ou então não nos pôde explicar por que maravilhosos processos do subconsciente um fantasma tangivel, falante, raciocinante pode ser produto de uma atividade psíquica inconsciente, apesar da independência que revela, quer quanto à linguagem, quer quanto à fisionomia, quer quanto à inteligência, quer quanto à vontade...

Nepenthès, o Espírito que se materializou diante das maiores sumidades da Noruega, fazia-se admirar, não só por sua beleza física, como pelo saber que apresentava; falava em grego antigo como profunda conhecedora dêsse idioma.

Os irmãos Eddys, (conforme informa o céptico dr. Olcott, depois do minucioso inquérito a que procedeu), produziam ruídos, movimentos de objetos, desenhos a óleo e aquarela sob influência espiritual, profecias, falas em línguas estranhas, curas, identificação de espíritos, levitação, mensagens escritas, psicometria, clarividência e, finalmente, formas materializadas. E assim nos diz Conan Doyle *(The History of Spir)* :

«Olcott gives the list thus—rappings, movement of objects, painting in oils and water — colours under influence, prophecy, speaking strange tongues, healing, discernment of spirits, levitation, writing of messages, psychometry, clairvoyance, and finally the production of materialised forms».

Nada disso soube o grande Mestre vienense, nem disso têm conhecimento os seus admiradores. Nem mesmo, ao que parece, tiveram alguma notícia de fenômenos mais divulgados, que andam na bôca de cientes, inscientes e inconscientes, como os de Eusápia Paladino, os de Dunglas Home, os de Florence Cook...

Nada, absolutamente nada! Por maneira que não se sabe aí o que é mais de espantar, se o vazio das comunicações espíritas, se o vazio do conhecimento dêles.

* * *

Remexendo nas histórias de sonhos, talvez por muito folhear em alfarrábios, para chegar às suas famosas teorias, provavelmente deparou-se a Freud a caudal imensa dos fenômenos premonitórios, dos sonhos que se realizam. Era preciso remover o calhau, e o Mestre não teve a menor dúvida: lançou mais uma teoria— a de que o indivíduo pensa que sonhou, mas não sonhou; na ocasião em que se dá o facto, êle tem a ilusão de que aquilo já lhe ocorrera em sonho. Esqueceu-se o Mestre, apenas, de que se acham registrados milhares de factos, os mais documentados de toda a fenomenologia metapsíquica, em que os sonhadores narram os sonhos antes do evento.

E aquela *blague* veio inscrever-se entre as extraordinárias descobertas psicoanalíticas.

Em suma: se Freud e seus discípulos põem sistimaticamente e sencerimoniosamente os factos de lado, não o podemos fazer nós. Veremos, agora, como os pôs também o muito ilustrado sr. Bastide.

Fenômenos de Materialização

V

Dezessete foi o número de confrades reunidos no «André Luiz» no dia dez do mês em curso, num dia de terça-feira, em sessão de tratamento espiritual em benefício de várias pessoas enfermas, especialmente das nossas irmãs Euridice e Lais, presentes aos trabalhos. A Lais havia sentido sensíveis melhoras na sessão anterior e D. Eurídice também se lhe tinha assentuado uma melhoria valiosa, tanto assim que já poude vir, com seus próprios pés, receber no recinto dos nossos trabalhos, a assistência dos nossos irmãos superiores do Espaço. Na presente reunião a Lais achou sua cura radical e a outra companheira nossa já está quasi restabelecida por completo. A presidência da reunião esteve a meu cargo, tendo-a iniciado com uma prece. Um dos nossos amigos do Além dá-nos explícita orientação, através da mediunidade sonambúlica do médium Lins. Êste recolhe-se, em seguida, à cabine, e o ambiente se estabelece pela prece, pela meditação, pelo canto de suaves hinos e por ligeiros comentários evangélicos. Surgem várias irradiações de luz na penumbra feita no recinto. Nina apresenta-se-nos materializada. David sucede àquela entidade, vindo à assistência e distribuindo cravos naturais aos presentes. A primeira pessoa contemplada foi a minha irmã Madalena, que recebe carícias do dedicado espírito, que foi nosso pai nesta existência. Todas as vezes que a querida entidade voltava da cabine vinha junto à Madalena tocando-a, dando-lhe passes e passando-lhe flores pelo rosto, fazendo-a transbordar de júbilo e emoção. Quasi todas as pessoas presentes receberam cravos de várias cores, de Nina e David. O José fala-nos, por voz direta e joga-nos uma pedra. Nina pede-nos para que cantemos o hino «Entardecer», que ela acompanha em côro. David orienta-nos sôbre o estado de saúde de duas pessoas doentes, a nosso cuidado, uma das quais se encontra em Portugal. O Jacks faz-lhe perguntas interessantes a que o espírito responde com precisão e clareza, em palavras repassadas de doçura e carinho. Os conhecidos espíritos de Abel Gomes e Scheila, aparecem simultaneamente materializados no ar. O Dr. João Passos, aparece-nos materializado à entrada da cabine, do lado esquerdo.

José Grosso ainda nos entretem com palavras cheias de graça e meiguice. Abel Gomes aparece, agora, materializado, vendo-se ao seu lado esquerdo, o busto respeitável do venerando espírito de Batuira, numa materialização parcial, aparecendo sómente o seu rosto com a sua respeitável barba irsuta. Scheila faz uma prece, por meio de voz direta, avisando, em seguida, de que deveriamos encerrar os trabalhos. Já o nosso companheiro Inácio se achava na cabine a dar o passe no médium e a despertá-lo e ainda se onviram nítidas vozes, apresentando-se uma luz forte, de cor escarlate. Fiz a prece final, encerrando os trabalhos. O Abel havia-nos deixado uma luva de parafina. O José tentava presentear-nos com o modêlo de uma das suas mãos; porém não deixou, senão parte do seu trabalho, por ter a parafina esfriado, por falta de energia elétrica. Procedeu-se então à repesagem dos assistentes, tendo perdido peso os seguintes companheiros: eu, um quilo; Peixoto, um quilo; Dr. Levindo, meio quilo; Dr. Alfredo Cruz, um quilo; o Jacks, dois quilos.

Rio, 15—12—946.

Amadeu Santos

Os Discípulos de Jesus

Aurelio A. Valente

JESUS chamou os discípulos e recomendou-lhes: «ide e pregai, dizendo, é chegado o reino dos céus, curai os enfêrmos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; dai de graça o que de graça recebestes; não possuais ouro, nem prata, nem cobre em vossos cintos, nem alforges para o caminho, nem duas túnicas, nem alparcas, nem bordão, porque digno é o operário do seu alimento.»

Esta exortação leva-nos a crêr que os verdadeiros seguidores de Jesus são apenas aqueles que agem de acôrdo com essas recomendações, mesmo porque disse ainda, «não são aqueles que dizem senhor, senhor, — que entrarão no reino de Deus, mas aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus». E que vontade é essa? E' bem simples, se Jesus disse, eu o Pai somos um, claro está que a sua Doutrina é divina e a recomendação aos discípulos é a vontade de Deus.

Nós espíritas não devemos nos afastar dêsse pensamento e assim, todo o nosso esfôrço deve ser no sentido de praticar tudo o que êle aconselhou aos seus discípulos, se desejamos realmente ser considerados trabalhadores da seára do Senhor.

Infelizmente, porém, a maior parte dos nossos confrades em vez de seguirem as pègadas do Mestre perdem tempo com assuntos que causam o mal, a discórdia, a descrença, o ridículo.

Confrades respeitáveis, encanecidos na luta da propaganda desviam-se pelos atalhos do êrro para discutir no desejo de impôr suas opiniões, que certas ou erradas se tornam antipáticas pelo modo um tanto insolente como são apresentadas.

Já temos dito que o conceito da religião depende do entendimento e sentimento de cada um. E' preciso razão iluminada para entender, coração cheio de amor para sentir. Sem compreender a fé é céga e leva fatalmente ao fanatismo, sem amor não haverá fraternidade, tolerância e nos tornamos exclusivistas.

Se a religião depende de entendimento e sentimento individual, é lógico que, estando cada um de nós num degrau diferente da infinita escala da evolução, não poderá haver duas pessoas que creiam e pratiquem a religião do mesmo modo. Isso acontece no meio católico, protestante como no espírita. Após uma sessão prática as opiniões variam de acôrdo com o número dos componentes

da mesma. Se êle tiver se realizado com dez pessoas, teremos dez opiniões. Cada um julgará os fenómenos a seu modo. O que um aceitar por completo, outro apenas aceitará em parte, enquanto um confia com segurança num médium, dois ou três duvidam.

Eis porque, até agora, nenhum confrade ainda nos viu empenhado em polêmicas, especialmente com confrades, pois a nosso ver as disputas entre nós não trazem luz e sim trevas.

Ultimamente revivem com insistência o assunto do corpo fluídico de Jesus. Que interessa ao homem para praticar o bem, saber se Jesus viveu em corpo fluídico ou semelhante ao nosso? Disso poderá porventura depender a sua norma de proceder? Não.

Muitos confrades, ao transporem os humbrais do outro mundo, comparecem sôfregos e angustiados às sessões para revelar suas profundas amarguras e decepções ao chegarem no país da verdade. Todos falam acabrunhados, repetindo... se eu soubesse... Mas todos sabiam perfeitamente, a vaidade foi que os perdeu.

Por vezes ficamos a fazer conjeturas e a nossa imaginação forma quadros interessantes, vejamos um dêles.

O espírita Anastácio desincarna e satisfeito dirige-se ao tribunal. Eis-me aquí Mestre Jesus, fui um dedicado à causa da Nova Revelação, servi como médium, fui pregador e jornalista e não perdi tempo como semeador.

Jesus olha carinhosamente e pergunta-lhe, quantas vezes vestiste os nús? quantos enfêrmos curaste? quantas lágrimas enxugaste? quantas discórdias evitaste? quantas vezes perdoaste?

E o Anastácio espantado... responde sentindo aflições porque começa a compreender a verdade.

Senhor, não tive tempo, na ansia de pregar, de escrever, principalmente os pontos obscuros, descuidei-me dessa tarefa. Queria que todos conhecessem a tua vida, sobretudo, a tua natureza, o teu corpo e com isso até, desgostei muitos amigos e até protetores invisíveis.

Ah! meu amigo, que devemos procurar saber melhor a forma ou a essência? O que interessa, o corpo ou a alma? O que vale mais a palavra ou o sentimento?

E o Anastácio sentiu-se tão pequenino, tão triste que chorou de arrependimento.

Quantos quadros assim devem constituir uma pura realidade?

Os que desejam ser classificados como verdadeiros discípulos de Jesus, devem dedicar-se por completo à tarefa de beneficiar os seus semelhantes, sem perder tempo com aquilo que não traga proveito.

As polêmicas tem as suas vantagens e por isso não devem ser condenadas. E' mister que esclareçam sem dividir, que instruam sem imposições, que iluminem sem ironia, que não sirvam de pretexto para demonstrações de vaidade.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. $50,00	Do 4.º ano Cr.$ 50,00	Do 5.º ano Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00

Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— XII —

O dr. Jerger conta-nos, sinceramente, o seguinte: Uma cliente a se queixar de barulhos ensurdecedores na cabeça, como si estivesse ouvindo uma serraria. E êle anestesiou-a simulando uma operação. A doente ficou radicalmente curada quando êle lhe apresentou uma bacia cheia de serradura de madeira, que garantia ter sido extraída do interior de seu cérebro tão crédulo... Mas o essencial estava realizado: A doente sarou...

Hoje em dia já se fala em chóques elétricos para a obtenção da cura de melancolías nervosas.

Na idade média todos os doentes mentais eram julgados possuidos por màus espíritos, demônios, como ainda o são hoje pelo Espiritismo incompreendido e péssimamente praticado.

«O espiritismo que, em suas raizes, é tão velho como a humanidade e se baseia essencialmente na crença da comunicação entre os espíritos dos vivos e dos mortos, recebeu a primeira sistematização doutrinária com o pensador francês Allan Kardec (1803-1869), em obras que tiveram propagação mundial. Apesar de muito conhecida no Brasil através da prática e do culto, de muito popularizado mesmo nas classes incultas através do chamado baixo espiritismo, poucas pessoas têm a noção exata do que seja a doutrina espírita, nos seus fundamentos teóricos e na concepção filosófica de que parte», são palavras bastante autorizadas e oportunas de Almir de Andrade, no apênd. 79, pag. 180 do VIII volume de «A ciência da vida» que traduziu de Welles e Huxley.

Tudo isso se verifica por falta de estudo, má fé, interesses inconfessáveis, ignorância de seus princípios basilares, pelos que se alvoram diretores e presidentes das entidades espíritas, que confundem animismo com espiritismo, mediunidade com histerismo, porque não têm um conhecimento «aprofundado do homem, da sua fisiologia, das suas nevroses, da sua aptidão para a mentira, da sua susceptibilidade à sugestão, da sua habilidade para a prestidigitação.»

Naqueles velhos tempos, diz o dr. Gordon Garbedian, «os próprios homens de medicina, vestiam-se fantasticamente na péle dos mais horrendos animais e dansavam em torno da vítima possuida do mal, inteiramente despida, clamando aterrorisantes exorcismos. Estirado de cóstas no chão, o paciente desamparado era submetido a uma sóva vigorosa e depois forçado a sorver as mais repugnantes beberagens que se podiám imaginar, na firme crença de que os maus espíritos achariam êsse extraordinário tratamento ainda mais terrível do que o próprio paciente flagelado!

Afim de facilitar essa partida, abria-se uma passagem aos demônios, morcegos, serpentes e outros monstros, por meio de uma operação que consistia cavar um buraco no crânio do dasgraçado. Si apesar de tudo isso os maus espíritos se recusavam a deixar o corpo do possesso, era costume, mesmo ainda no século dezoito, queimar na fogueira as infelizes vítimas da insânia e de outras enfermidades mentais, como «feiticeiras».

Isso acontecia si o paciente resistia ao bárbaro, cruel e brutal tratamento de esconjuração.

Até 1853 na Torre dos Lunáticos de Viena, os loucos eram exibidos em jaulas aos visitantes que pagavam entradas para vê-los!

Não resta a menor duvida de que a ciência tem feito muito em favor dos doentes mentais. Amídalas e adenóides infectados, dentes cariados, apêndices inflamados, são outros responsáveis por moléstias cerebrais.

Conta Bertrand Russel que certa vez um homem foi visita-lo, de-

clarando-lhe que admirava profundamente a sua filosofia, mas não concordava com a afirmação de Russel, em que declarava que Julio César havia morrido. Russel pergunta-lhe amavel e surprêso porque êle não aceitava êsse facto como verdadeiro. E o visitante responde: — Porque Julio César sou eu!... Enquanto o visitante tomava ares de importância para confirmar suas palavras, Russel voava para a rua em procura de um policial.

Este é um caso típico de esquizofrenia em que o cérebro funciona «como um carrilhão tocado sem compasso nem melodia.»

Conhece-se com abundância de detalhes como o cérebro funciona. «Mas a explicação do processo neurológico de decorar, esquecer, pensar, sentir, do condicionamento dos reflexos e da associação das idéias, continua enigmática.»

Os mecanistas de um lado, acreditando no determinismo psicológico de Watson e Freud e seus seguidores do outro, mais confundem do que elucidam a vida mental e espiritual.

Já se descobriu clorina no líquido cérebro espinhal de loucos e já se chegou a conclusão de que o cérebro de um anormal contém excesso ou deficiência de determinados compostos químicos.

No caso de demência precóce já se sabe também que são as glândulas de secreção internas, as principais responsáveis, havendo curas com a simples aplicação de iodina composta ou tiroxina, hormônio da tiróide.

O ESPÍRITO CRIANÇA

— I —

COM o surgir no mundo a Nova Revelação trazida pelos ensinos dos espíritos, fornecendo a prova da sobrevivência, da imortalidade da alma e do seu destino, após a morte do corpo somático, a Humanidade poude, então, respirar aliviada por haver se libertado do terrível pesadêlo das superstições e dos fantasmas do passado.

O moderno espiritualismo não surgiu como uma nova religião, iguais as que conhecemos na antiguidade. Mas, apareceu no mundo como um farol a iluminar consciências, porque é uma crença baseada em factos reais e palpáveis; que se desenvolve e progride com a humanidade, no sentido de unir todas as criaturas, incutindo-lhes no ânimo uma concepção mais ampla de Deus, das coisas e das suas responsabilidades de espírito encarnado.

Nela aprenderá a compreender o Sêr Supremo, autor de tudo e de todas as coisas. O homem não se considerará mais como um autômato ou um joguete ás mãos do Destino. No seu *ego* despertarão os gérmes de amor e de bondade, que a mão divina lhe depôs no íntimo, porque lhe será dado conhecer uma religião verdadeira, que não maldiz das demais, porque paira acima de todas.

Iniciado o homem nos mistérios do além túmulo, uma tranquila paz descerá sôbre o seu espírito e êle poderá, então, observar as cousas sob outros prismas, porque mistér se fazia que conhecesse o lugar verdadeiro que deveria ocupar no Universo e a fraqueza dos seus sentidos em face da grandeza da Creação.

A Ciência, até certo ponto, atenuou essa deficiência. O telescópio descerrou ao seu olhar os abismos do Infinito. O microscópio revelou o infinitamente pequeno. A vida apareceu por toda parte no mundo dos infusórios.

O problema principal, e que dizia mais de perto com a sua própria vida, aquêle que desde todas as épocas, o preocupava numa inquietante expectiva, qual seja o destino da sua alma, após a morte do corpo, êsse continuava insolúvel!

Várias suposições empolgavam as criaturas. Será o homem comparável a uma lira, e a sua alma à harmonia dessa lira, harmonia que não existe mais quanto esta lira se parte? Não será a alma senão a resultante do jôgo dos órgãos? Ou será o motor indestrutível e misterio-

só que aciona êsses mesmos órgãos?

O advento do Espiritismo veiu fazer luz sôbre todas essas suposições, fazendo ruir por terra todas as teorias contraditórias sôbre o destino do sêr no além túmulo, dizendo que depois da dissolução do corpo o *Eu* continua a sua existência. Sai dêle revestivo do perispírito. Continuam a *ver-se sob a fórma que tinham* antes de morrer e esta visão, nalguns, produz, durante certo tempo, singular ilusão: a de se crêrem ainda vivos. (*LIV. MED.* n.º 53)

Como é do conhecimento dos espíritas esclarecidos, o nosso corpo físico constantemente se renova, estando submetido a constantes mutações. Nenhum dos átomos atuais da nossa carne, persiste. O nosso corpo todos os dias assimila novos elementos; desde as partes moles do cérebro até as mais duras parcelas da carcassa óssea, tudo se renova integralmente em um certo número de anos. Subsiste, todavia, uma fórma fluídica original que se mantém e perpetúa. E' o perispírito, o esbôço fluídico do sêr humano, um como que molde. O perispírito é o invólucro permanente do espírito, enquanto o corpo físico não passa de um invólucro temporário. O perispírito existia antes do nascimento e sobrevive à morte.

Gabriel Delanne que muito se interessou pelo estudo do corpo fluídico, chegou a concluír que o perispírito é um verdadeiro organismo fluídico, um modêlo em que se concreta a matéria e se organiza o corpo físico. E' êle — diz *Delanne* — que dirige automaticamente todos os atos que concorrem para a manutenção da vida.

E' êsse modêlo, êsse «invisível desenho ideal pressentido por *Claude Bernard*» que mantém a estabilidade do sêr no meio da renovação integral da matéria organizada; sem êle a ação vital poderia tomar todas as fórmas, o que não se verifica. E igualmente de acôrdo com êsse modêlo fluídico perispirital que é regulada a evolução embrionária do sêr até a sua organização completa.

Diz *Allan Kardec*, em a *GÊNESIS* — «que os espíritos teem um corpo fluídico a que se dá o nome de *perispírito*. O perispírito não é encerrado no corpo como numa caixa — acrescenta. Êle é expansível por sua natureza fluídica, irradia-se e fórma em tôrno do corpo uma espécie de atmosféra, que o pensamento e a fôrça da *vontade podem ampliar mais ou menos*. E' por meio do perispírito que os Espíritos agem sôbre a matéria inerte e produzem os diferentes *fenômenos das manifestações*, e assim agindo sôbre a matéria, *podem manifestar-se de muitos modos diferentes*.

Quando um Espírito se mostra, é porque quís que o seu perispírito viesse *ao estado de poder ser visto*. Podendo tomar todas as fórmas, valendo-se do concurso da sua vontade, o Espírito apresenta-se sob a que melhor póde *fazê-lo conhecido*, se êsse fôr o seu desejo.

Tanto que, apesar do Espírito não conservar as enfermidades corpóreas, êle se apresenta aleijado, côxo, ferido com cicatrizes, se isso fôr necessário para provar a sua identidade. O mesmo quanto ao traje. (pags. 15, 16 e 18).

No *LIV. DOS ESPÍRITOS*, o Codificador fez aos seus instrutores, a seguinte pergunta: — «Como prova a alma a sua individualidade, uma vez que não tem mais corpo material?» E recebeu a seguinte resposta: — «Continua a ter um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosféra do seu planeta, e que guarda a aparência de sua *última incarnação*: — *seu perispírito*».

Mesmo no seio da Igreja era suposição corrente de que a alma ou espírito não poderiam existir sem corpo algum, mas que possuiam uma espécie de corpo, ou alguma coisa análoga a um corpo que certas pessoas denominam o *seu veículo*. (Obras de Santo Agostinho).

Tertuliano declara que a corporalidade da alma é afirmada pelos Evangelhos: «*Corporalitas animae in ipso Evangelico relucescit*, porque escreve êle—se a alma não tivesse um corpo «a imagem da alma não teria a imagem dos corpos» (*De anima*).

Compreende-se, pelo que foi transcrito acima, embora o espírito desencarnado possúa a faculdade de alterar a fórma do seu perispírito, que é claro e lógico que êle conserve sempre a fórma da última encarnação. Quando, porém, pela sua evolução nada mais conservem das misérias terrenas, constitúe o seu perispírito, o mais comumente, de uma túnica de longas pregas flutuantes e uma cabeleira ondeante e graciosa.

(Continua).

Livros e Autores

Leopoldo Machado

NOS DOMÍNIOS DO BEM—Herval e Carmo Bianco. S. Paulo.

A obra em cita, é uma brochura graficamente bem apresentavel, com 190 páginas, papel bufon, que nos vem de S. Paulo, por deferência do *médium* Carmo Bianco, cuja dedicatória agradecemos.

E' dividido em duas partes: a primeira sôbre «a vida extraordinária de Anesio Siqueira, notável médium curador». A segunda parte: Mensagens Mediúnicas, recebidas pelo *médium* que no-la ofertou. Mergulhamos os olhos no volume, a procura de um Anesio Siqueira diferente daquele conhecido, quando distribuia «milagres» aquí em Campo Grande. E noticias de jornais, discussões na imprensa e artigos em torno e sôbre o médium fomos lendo, até chegarmos á página 61 do volume com que os componentes do «Circulo Espiritualista Anesio Siqueira» dão-se por desobrigados do preito de reconhecimento ao patrono. Não vimos no volume o mais desabusado dos ataques ao *médium*, que foi a do Pe. Gabriel Hiram, de Cruzeiro. E a defesa do *médium*, que, então, fizeramos pelas colunas do jornal *A Nação*, grande matutino carioca, que deixou de circular. Depois é que conhecemos pessoalmente o *médium*, quando esteve em Nova-Iguassú, atraindo para o centro uma legião de doentes do corpo e do espírito. Vale dizer, a bem da verdade, que Anesio Siqueira aquí nada realizou, não correspondeu á expectativa, deixou uma impressão geral desfavorável: já pela falta de prodígios, já por seu desconhecimento geral da Doutrina Espírita e do Evangelho do Cristo; quer pela maneira grosseira com que se dirigia aos espíritos, que se manifestaram, ameaçando-os e descompondo-os a fumar ostensivamente durante os trabalhos, quer pela ausência total da simplicidade cristã com que era êle apresentado, através da Imprensa profana e espírita. Tanta foi a decepção de todos, que a mesma pena que o defendera dos *ataques* do Pe. Hiran, disse pelo *Raio de Luz*, de suas impressões desfavoráveis, que o Espiritismo não precisa de entusiasmos faceis, de sublimação ou canonização de espiritistas e *médiuns* para se propagar, de vez que êle «irá com os homens, sem os homens e a pesar dos homens» . . .

Duas coisas porém é possível que se houvessem dado — pois tudo é possível na vida — para justificativa do fracasso de Anesio Siqueira entre nós, em Iguassú: que bom fosse êle e desmerecedores de suas graças fossemos nós, com os 130 doentes, — menos nós, felizmente! — que o procuraram inutilmente aquí.

E que, depois disso, para diante, êle, realmente, fizesse jús á glorificação que depois se lhe emprestou; a aureola da santidade que hoje se lhe confere. Ainda bem que nos lembramos de que lhe aconselhámos se aproximasse, pelo estudo, do Evangelho do Cristo, que desconhecia absolutamente e das obras de Kardec, que as ignorava.

Se, de resto, êle não tivesse, posteriormente, realizado algo que o acreditasse perante a consciência de muitos irmãos seus de convicções doutrinárias, certamente não se lhe tributaria a distinção sincera de que o livro é portador.

A outra parte, comunicações mediúnicas, sómente.

Somos — confessamos mais uma vez — um frigidissimo «S. Tomé» para emprestar crédito a quanta coisa aparece por aí como comunicações do Além. Mormente se tais comunicações se enfeitam com subscritores famosos, que foram grandes nomes na terra. Preferimos, em tal caso, recusar 99 delas, verdadeiras, a aceitar uma só falsa. Aliás, a conselho do Codificador, que diz claramente ninguém pense é o fenômeno espírita a melhor maneira de propagar o Espiritismo. Não é. Antes, serve mais de descrédito, do que de propaganda. Pois se, a mais das vezes, nem a espiritas mesmo, que é o nosso caso, interessam, quanto mais a cepticos e agnósticos. De resto, o Espiritismo já avançou tanto que, para nós, sua propaganda atual, mais eficiente e impressionante, não é a mediúnica puramente, mas a da obra, a da cristianização, pelos exemplos e pelas obras, dos espíritas, afim de que, por êste meio, possam impôr-se ás massas! Esta, uma das características do programa do Espiritismo de Vivos, que andamos pregando e procurando exemplificar.

As mensagens da segunda parte do volume, todas assinadas a grandes nomes, desde D'Anunzio a Delane,—e são 371—nenhuma, da meia duzia que lemos ao acaso para justificativa do que aquí dizemos, nos transmitiu nada de original, de ponderável, de novo.

Todas, no mesmo estilo, na mesma linguagem, a repetir conceitos, observações.

Nem por isso deixamos de louvar o esfôrço e a bondade do editor da obra que, se a publicou foi, naturalmente, com os própositos purissimos de ser ùtil ao próximo, de servir a Doutrina que nos irmana, de propagar o Espiritismo.

Só por isso, «Nos Dominios do Bem» deve ser lido e apreciado. Principalmente pelos que não sentem e não pensam como nós.

* * *

MEDIUNIDADE SEM LAGRIMAS — 52 LIÇÕES DE CATECISMO ESPÍRITA e O ORADOR ESPÍRITA, de Eliseu Rigonati, S. Paulo.

Somos dos que pensam que os espíritas ainda não sairam de sua fase de adaptação ao Espiritismo. Daí, a diversidade de métodos na sua pregação; certa negligência na sua administração pedagógica às crianças, a infinita modalidade do emprêgo da mediunidade por aí em fóra. E é, entretanto, da prática criteriosa da mediunidade; de sua difusão, por meio de escolas bem aparelhadas e de aulas de moral cristã bem dirigidas às crianças, e da pregação consciênte e esclarecida de seus postulados, que ha de decorrer a implantação, em bases sólidas e definitivas, da Doutrina Espírita.

Não faltam *médiuns* por aí em fóra. Mormente, *médiuns* vangloriosos de comunicações bonitas, enfeitadas a nomes respeitáveis, subscrevendo-as. Mas, o certo é que poucos são, ainda, os *médiuns* que, por bem conhecerem e sentirem a Doutrina, orientam bem sua mediunidade, ajustados às normas cristãs.

Já se contam, por aí em fóra, muitas escolas em Centros. Verdade é, entretanto, que são poucas as escolas espíritas que funcionam como *escolas espíritas*, de vez que uma escola espírita, ou num centro espírita, para ensinar, apenas, o a. b. c. que se aprende em todas as escolas, não está colimando, integralmente, sua alta finalidade.

Ha, com efeito, muita gente que prèga o Espiritismo. Mas, a verdade é que são poucos os pregadores que conhecem o que pregam e que o pregam com apuro de linguagem, cultura geral, sentimento e pureza.

Ora, obras que possam orientar *médiuns* de bôa vontade, professores de aula de moral cristã e pregadores; mormente obras em pequenos volumes, sintéticas, que se leiam rapidamente, são obras que devem ser recebidas a «bem vindas sejam...»

Eliseu Rigonati é um idealista como nós mesmo. Com uma grande diferença: tem, ainda, os cabelos pretos e faces sem rugas. Mantém, em S. Paulo, uma oficina grande. Criou uma empresa editora, a Rialto. E imprime um jornalzinho, A INFÂNCIA ESPIRÍTA, que póde ser lido, com prazer, por crianças dos seis e dos sessenta anos. Já editou três pequeninos volumes, mas apreciáveis na substância: MEDIUNIDADE SEM LAGRIMAS, 52 LIÇÕES DE CATECISMO ESPÍRITA e O ORADOR ESPÍRITA. Vale a pena ler seus volumes. Em todos eles, a firmeza de observações se harmoniza à pureza da linguagem e a seguras normas doutrinárias. Em todos eles, o forte desejo do autor, que é também nosso, de que o Espiritismo se imponha, realmente, pelo que é e o que vale, e não por tanta coisa ruim que, em seu nome, se faz, se prèga e se ensina por aí em fóra.

Damos por bem pago o tempo que destinámos à leitura dos volumes e somos profundamente gratos ao autor pela generosa oferta que deles nos fez.

A chamada ciência oficial é limitada pelas suas concepções materialistas, porisso que é impotente para solucionar com acerto muitos casos complicados de enfermidades que afligem os indivíduos. O Espiritismo vem alargar o campo dos conhecimentos humanos, para que a ciência se complete, investigando e cuidando do espírito assim como investiga e cuida do corpo, conhecendo que todas as enfermidades partem do espírito.

PITOMBO.

Espiritismo e Loucura

AQUELES que estão vendo o progresso e o desenvolvimento da propaganda do Espiritismo e não estão satisfeitos nem tranquilos com a marcha vitoriosa da doutrina, procuram sempre criar mil obstáculos e dificuldades para evitar que muitas pessoas venham a interessar-se pela filosofia espírita, chegando ao ponto de amedrontá-las, óra com o inferno, óra com a loucura.

Nessas condições costumam insinuar às pessoas tímidas que o Espiritismo é um factor de loucura e que as sociedades espíritas são fábricas de loucos.

Ora, sabemos, hoje, que as causas da loucura estão bem definidas pela psiquiatria e são: a hereditariedade, que Trélat considerava a «causa das causas das doenças mentais»; as infecções, sobretudo a sífilis; as intoxicações, sobretudo a alcoólica; os traumatismos, principalmente os cranianos; causas sociais e emocionais. O Espiritismo, por si só, não póde afetar as faculdades mentais.

Nada há na doutrina espírita que possa provocar a loucura. Muito ao contrário, êle bem compreendido e sentido, é um antídoto da loucura. Esta, em regra geral, provêm das vissicitudes, das desilusões e decepções da vida, dos sofrimentos físicos e morais, que sempre nos amarguram. A doutrina espírita explica-nos racionalmente a razão de ser das nossas dôres e infortúnios, dá-nos uma concepção bem elevada da vida e faz-nos ver todos acontecimentos de um plano mais elevado, de modo que êles não nos atinjam seriamente, não nos preocupem e muito menos nos perturbem.

Encaramos todos êsses acontecimentos como resultado dos nossos atos e do nosso passado, porquanto foi no passado que preparámos o presente e é no presente que estamos preparando o futuro. Sabemos que muitos sofrimentos, decepções e dissabores, que estamos, no momento, experimentando, são o fruto de nossas próprias ações, dos nossos pensamentos e atitudes.

Repete-se sempre que o homem sofre ou goza conforme o uso que fizer da sua liberdade. Não esposamos as idéias filosóficas do fatalismo, nem do determinismo.

Aceitamos a doutrina do livre arbítrio e nela fixamos a concepção da nossa culpabilidade e da consequênte responsabilidade. Ninguém sofre, em prova ou em expiação, que não tenha necessidade de sofrer, que não esteja em débito para com as leis de Deus. Só o Cristo sofreu muito por nós, mesmo inocente, sem precisar de resgatar dívidas contraídas com as leis da providência. Mas, devemos advertir que Êle não veiu ao nosso mundo como um espírito em prova ou em expiação.

Ora, se conhecemos a causa dos nossos sofrimentos, se sabemos que é por êles que nos purificaremos, e se sabemos, também, que devemos ser profundamente resignados e conformados; se sabemos que devemos perdoar aquêles que Deus colocou em nosso caminho para serem instrumentos dos nossos sofrimentos e nos porem, à prova, a paciência, e se sabemos, enfim, que precisamos oferecer o exêmplo da paciência, da obediência e da resignação, pois, como já se disse, com muita propriedade, a obediência é o consentimento da razão e a resignação é o consentimento do coração, não devemos jamais nos abater, nos contrariar, nos entregar ao desespêro, à inquietação, às emoções muito fortes, que poderiam afetar as nossas faculdades mentais, pois, reconhecemos que é nas vicissitudes, nas dôres e decepções da vida que encontramos os melhores elementos para nossa própria espiritualização, isto é, para a purificação das nossas almas.

II

Já tivemos ocasião de referir-nos às causas da loucura, segundo a opinião dos mais autorizados psiquiatras, e entre elas não encontramos o Espiritismo ou as práticas espíritas. Muitos, visando combater o Espiritismo, têm insinuado que as sociedades espíritas são fábricas de loucos para amedrontar as pessoas que estão muito seguras de seu equilíbrio mental.

As causas principais da loucura são; — hereditariedade mórbida, as infecções,

a sífilis, as intoxicações, o alcool, os traumatismos principalmente cranianos e outras causas sociais e emocionais.

O dr. Helio Gomes, catedrático de Medicina Legal da Universidade do Brasil, médico materialista, emitindo a sua opinião respeitável e autorizada, afirma categoricamente que o Espiritismo, por si só, não afeta as faculdades mentais de pessoa alguma.

Em seu esplêndido trabalho sôbre a prática do Espiritismo e a saúde psíquica, o dr. Helio Gomes assegura que qualquer pessoa normal da mente, bem equilibrada psíquicamente, póde frequentar como entender as sessões espíritas, que seu cérebro continuará funcionando normalmente.

E, na verdade, se o Espiritismo causasse qualquer perturbação mental, se a frequência às sessões espíritas afetasse o funcionamento normal da mente, considerada a sua imensa generalização no Brasil, o número de doentes mentais nêste país deveria ser dez vezes maior do que é.

O dr. Helio Gomes observa que todas as crenças e superstições, quando descambam para o fanatismo e misticismo, podem desviar o raciocínio de seu curso normal. Resumindo a opinião judiciosa do ilustre médico patrício, vemo-lo assegurar com justeza que o Espiritismo não produz a loucura. E, mesmo como médico materialista, em vez de acusá-lo, defende-o, ensinando, com justiça e imparcialidade, que a doutrina espírita, em seu aspecto filosófico e moral, é mesmo benéfica ao equilíbrio psíquico do indivíduo, porque age como elemento controlador das grandes emoções e agitações da vida cotidiana, estimulando, ainda, hábitos saudáveis e abstêmios.

O Espiritismo sacia a sêde humana de duração, de eternidade e faz o indivíduo conformar-se com as inevitáveis diferenças da vida e com a injustiça social. Ora, do que estamos expondo é muito fácil concluirmos que, longe de provocar desequilíbrio mental nas pessoas, êle, ao contrário, oferece elementos de perfeito ajustamento psíquico, estimulando, pelas doutrinas filosóficas e morais que nos ensina, o perfeito funcionamento das faculdades mentais.

Estamos referindo-nos ao Espiritismo verdadeiro e nunca ao falso, que se tem denominado — macumba, catimbáu, xangô e que, no Sul do país, muitos estão procurando estilizar-lhes as práticas nocivas, com as denominações modernas de umbandismo e quimbandismo, dando lugar a essa enorme confusão reinante entre nós, graças à qual muitas pessoas qualificam essas práticas de baixo-espiritismo, quando, na realidade, elas deveriam chamar-se falso Espiritismo. Não há, meus carissimos leitores, baixo e alto Espiritismo, ou como costumava chamar o saudoso e grande tribuno espírita Viana de Carvalho: um Espiritismo de tamanco e outro de sapato de verniz. Só há um Espiritismo: é o codificado por Allan Kardec e fundamentado nos Evangelhos de Jesus. O outro, constituido por aquelas práticas a que me referí, não é baixo e sim falso Espiritismo.

Aliás, todos devem saber que nas práticas adotadas no catimbáu, no xangô, na macumba, usam-se sempre as imagens e os ídolos da Igreja Católica, rosários, têrços, círios e velas, incenso, e, obrigatoriamente, Santo Onofre, São Cipriano e outros padroeiros, enfim, utiliza-se sempre um arsenal de objetos de uso católico, de modo que seria mais acertado denominar-se de baixo-catolicismo o centro que adotasse aquelas práticas, o que não significaria desrespeito às crenças católicas.

Se os sacerdotes combatem aquelas práticas legitimamente africanas, os verdadeiros espíritas combatem-nas muito mais.

III

Já vimos como o dr. Helio Gomes, médico materialista, professor catedrático de Medicina Legal da Universidade do Brasil, tratando da prática do Espiritismo e a saúde psíquica, afirma categoricamente que as sociedades espíritas não são fábricas de loucos e que o Espiritismo não produz absolutamente a loucura; ao contrário, é mesmo muito benéfico ao equilíbrio psíquico do indivíduo, porque age como elemento controlador das grandes emoções e agitações da vida cotidiana, estimulando, ainda, hábitos saudáveis e abstêmios.

Muitos outros médicos, especialistas em doenças nervosas e mentais, têm-se revelado justos nas suas opiniões autorizadas, defendendo o Espiritismo e assegurando que são outras, muito diferentes, as causas principais da loucura.

Essas causas, no estado atual da ciência, estão bem definidas e estabelecidas.

Nesta crônica vamos apresentar, condensada, a opinião do professor Pinto de Carvalho, respeitável catedrático de Neurologia e Psiquiatria na tradicional Faculdade de Medicina da Bahia. Aliás, o dr. Pinto de Carvalho não se limita à tése, já muito repetida, das doenças mentais provenientes da prática do Espiritismo, e aborda ligeiramente a terapêutica espírita.

Afirma aquêle ilustrado facultativo que discorda de muitos de seus colegas que atribuem exclusivamente ao médico o uso da psicoterapia, porquanto a verdade, e não resta a menor dúvida, parecendo até singular, é que a psicoterapia está mais frequentemente nas mãos dos não-médicos do que nas dos profissionais da medicina.

Diz o dr. Pinto de Carvalho que são, muitas vezes, os não-médicos que conseguem certos milagres de cura, uma vez que estão em melhores condições de realizar certas espécies de psicoterapia proveitosa.

Assegura que as estatísticas pecam sempre pela falta de bom critério julgador, quando não pela má fé dos que a organizam. Basta que qualquer doente declare-se espírita ou que assistiu a sessões espíritas, logo passa a figurar no acervo de males espiríticos. Não se procura indagar qual a influência que as práticas espíritas possam ter tido na manifestação da doença, nem se estabelece o necessário cotejo com os doentes de outras religiões. Por isso, as estatísticas não merecem fé.

Êle diz que tem encontrado muito maior número de doentes mentais nas outras religiões.

Quantos católicos e sacerdotes, quantos protestantes e pastores têm enlouquecido? Nenhum espírita, porém, já ousou dizer que a causa foi o catolicismo ou o protestantismo. Compreende-se que o fanatismo, o misticismo e a superstição possam perturbar as faculdades mentais dos indivíduos e isso póde acontecer em qualquer religião. Bem examinado o assunto, o que não se compreende é que um espírita possa enlouquecer, pois, o Espiritismo destrói as superstições e não admite o fanatismo e o misticismo.

Os que tiverem as suas faculdades mentais afetadas é porque já eram predispóstos e ficariam perturbados em qualquer religião ou fóra delas. A causa da loucura seria outra. Por tudo isso basta de mentiras e calúnias assacadas contra a doutrina espírita por aquêles que querem combatê-la de qualquer módo, sem razão e sistematicamente.

Êsses gratuítos adversários do Espiritismo deveriam lembrar-se sempre daqueles avisados e justos conceitos do ilustrado professor Fernando de Magalhães, da Academia Nacional de Medicina: — «Não acredito no perigo médico do Espirismo. Penso que a Academia não póde, em sã consciência, proclamar perigosas as práticas espíritas. Em vez de condenar a terapêutica espírita, a Academia deve evangelizar a medicina».

Djalma Farias.

Crônica Estrangeira

Publicação Póstuma

Os fenômenos psíquicos se desdobram, na sua grande variedade, de molde a não deixar dúvida alguma na influência que os mesmos exercem sôbre o nosso destino.

O presente caso mostra como os nossos guias protetores velam por nós, quando não nos tornamos rebeldes às suas sugestões e conselhos.

O caso presente pode servir de exemplo ao que afirmamos. Uma senhora do Além Mancha, lady Hardly, conta-o nos seguintes termos: «Eu era ainda muito nova, tinha apenas 16 anos, quando tive um leve ataque de sarampo. Vivia nessa época com meu avô. Por conselho médico, fui tomar um banho quente. Fechei à chave a porta do banheiro e me despí; mas quando ia entrar no banheiro, ouví uma voz dizer: — abre a porta. A voz era nítida e exterior, no entanto parecia vir de dentro de mim. Fiquei muito admirada e olhei em volta do quarto mas não vi ninguém. Tornei a ouvir a mesma voz — abre a porta. Enchi-me de mêdo e disse de mim para mim: ou

estou muito doente, ou então estou doida. Resolvi não pensar no caso e já estava dentro da banheira, quando ouvi a mesma voz repetir duas vezes — abre a porta. Assustada, saltei e dei volta à chave para que ficasse só com o trinco. Quando voltei para dentro dágua, sentíme agoniada e apenas tive tempo de tocar no botão da campainha, colocado ao pé da banheira e desmaiei. A criada do quarto veiu encontrar-me mergulhada com a cabeça debaixo dágua. Como sou magra e leve, poude segurar-me e ia levar-me para fóra do quarto de banho, quando, ao sair, minha cabeça bateu na ombreira da porta, o que me fez recuperar os sentidos. Ter-me-ia com certeza afogado se a porta tivesse ficado fechada à chave. Que singular acontecimento, disse ela, de quem seria a voz que me avisou ? Quem poderá negar que tenhamos em nós faculdades ignoradas pela ciência ?»

— Mesmo assim, diante de factos tão expressivos, a nossa rebeldia não se submete. Eis o motivo de nossas dores; necessitamos sofrer e sofrer muito para que assim possa ser quebrada nossa resistente obstinação e possamos modificar nossos pensamentos, dando à nossa vida mais razoável orientação, de harmonia com o fim para que fomos criados.

Frederico A. Gomes.

Segunda Vida

Um caso de reencarnação, relatado por um grande semanário de Milão

Em sua edição de 26 de Janeiro último, «La Domênica del Corriere», de Milão, na secção «A Realidade Romanesca» publica o seguinte, assinado por Luigi Ugolini :

— E porque não devemos crer no prosseguimento da vida, depois do fim da existência corpórea ? — objetou o pálido teósofo, com vivacidade.

— E o senhor acredita ?

A minha pergunta impulsiva, quase agressiva, não desorientou o filósofo, que me respondeu com calma e gravidade :

— Creio, senhor, firmemente, sem a menor vacilação. Não obstante, já fui tão céptico como o senhor, e mais céptico ainda, porquanto era ateu.

— E que coisa vos pôde converter ?

— Uma prova, uma daquelas provas que convenceriam o mais endurecido incrédulo.

— Quereis guardar segrêdo ?

O teósofo olhou-me longamente, e depois respondeu-me com decisão :

— Com uma alma vulgar, talvez quisesse, mas com o senhor, não. Demais, é bom divulgar-se a crença ; um dia, não mais deveremos continuar incrédulos na terra. O sr. conhece a minha filha, não é verdade ? E' uma linda menina, que não completou ainda os sete anos, inteligentissima e precoce. Ela é a minha alegria, o único conforto que me restou, depois do desaparecimento . . . da outra.

— O sr perdeu uma menina ?

— Sim . . . ou melhor : não sei. Ajuizará o sr. mesmo, depoi de ouvir a minha história.

As últimas palavras

— Dez anos depois de casado, tive a inesperada ventura de vêr nascer a minha Stela, bela menina, boa e inteligente. Eu morava então na província, numa pequena e quieta cidadezinha. Tinha na minha companhia a minha mãe, e podia considerar-me um homem feliz.

A avó adorava a netinha, e Stela demonstrava, por sua vez, um apego fortissimo pela avó, tanto que a minha mulher terminou por se enciumar. E nesse egoísmo sublime de todas as mães, dirigia, às vezes, uma leve repreensão à pequena, acusando-a de não lh'a querer bem.

Stela, de uma inteligência superior à sua idade, tinha, às vezes, respostas estranhas, que nos deixavam perturbados. Lembro-me de que um dia a mãe lhe falou :

— Porque não gostas de estar comigo ? Acreditas que te quero menos do que a vovó ?

— Não, — respondeu Stela, — és a minha mamãe, e estarei sempre contigo ; mas com a vovó só estarei ainda por mais um pouco de tempo.

Tomamos esta resposta por um triste presságio, tanto mais que a minha mãe, já de idade avançada, não gozava também de boa saúde. Mas a previsão devia-se realizar de modo diferente. Stela adoeceu gravemente de escarlatina, e todos os socorros da ciência de nada valeram. Minha mulher e minha mãe não

saiam um minuto de perto do seu leitozinho. A menina, embora se agravando, não perdeu jamais a sua lucidez. Poucas horas antes de expirar, dirigiu-se á mãe:

— Eu te falei que tinha pouco tempo para ficar com a avozinha!

Morreu na mesma tarde. Minha mulher meditou longamente sôbre as últimas palavras da pequena, mas não conseguia se acalmar.

— Mas comigo também ela sabia que devia ficar tão pouco! — repetia-me, desolada.

Quanto à minha mãe, não pôde resistir ao golpe, e cinco meses depois ia procurar a adorada netinha, num mundo melhor. Já vos disse que era céptico por natureza, e com aquela dupla desgraça perdi por completo qualquer vislumbre de crença. Não podia aceitar que um Ente bom e misericordioso permitisse tanta desventura. A cidade em que eu vivia pareceu-me intolerável. Pedi uma transferência, e consegui-a. No ano seguinte, minha mulher era mãe pela segunda vez. Fazia um ano da morte de Stela, e já na minha casa sorria uma outra menina, que era a imagem viva da desaparecida. Chamei também de Stela a essa minha segunda filha, e daquele dia em diante reintegrei-me na vida.

A menina cresceu, como a outra, bela e inteligente. A's vezes a ilusão era tão perfeita, que eu pensava ter sofrido apenas um mau sonho.

Aos cinco anos Stela não sabia que tivera uma irmãzinha, e recomendei à mulher que não lhe fizesse nenhuma alusão ao passado, para não perturbar a sua tranquilidade.

Dois anos mais tarde, por motivos de serviço, tive de voltar à cidadezinha em que havia sofrido as duas perdas crueis, e, como devia demorar-me algumas semanas, minha mulher insistiu para acompanhar me:

— Sozinho tereis de sofrer a dor da recordação — disse-me. Além disso, eu desejo levar uma flor ao túmulo da nossa primeira Stela.

Levámos, naturalmente, a nossa filha na viagem, mas confiamo-la a uma família amiga, na hora da nossa visita ao cemitério. Um dia, porém, enquanto passeavamos, silenciosos, pelas ruas da vizinhança, não sei se o acaso, ou uma fôrça irresistível, aproximou-nos da casa da nossa desventura. Olhei para minha mulher, que me acenou com a cabeça. A's vezes o coração humano se compraz na busca de antigas amarguras, na evocação do passado.

Não podia saber...

— Eu vos juro, senhor, que a minha pequena não sabia, de maneira alguma, que nós tivessemos jamais residido naquela cidade... no entanto, nós a viamos voltar-se de um lado e de outro, estupefata, surpreendida. Sorria, e calava.

E eis que aconteceu a coisa inaudita, inacreditável! No momento preciso em que passavamos diante daquela porta e daquela janela, põe-se a menina a saltar alegremente.

— Olha! olha, papai! — exclamou — Olha a janela onde eu sempre ficava com a avozinha! Mas não tem mais flores, agora!

Senhor Deus! Era verdade! Naquele balcão, um tempo florido de gerânios e cravos, a minha Stela perdida passava longas horas, na companhia de minha mãe!

Não sabia, a menina, não podia sabê-lo! Eu e minha mulher nos entreolhámos, aterrados e mudos, como diante da revelação do grande mistério da vida.

Depois prorrompemos num pranto incessante, irrefreável.

*

Provas de Reencarnação

«Spiritualisme» (Bélgica)

A snra. Juprelle, de Liège, submeteu ao Congresso Espírita de Liège, em Junho último, o seguinte caso de reencarnação:

«Pierre D... morreu em Fevereiro de 1921. Comunicou-se diversas vezes, tanto pela tiptologia como por outros meios. Certo dia, em Setembro de 1931, êle nos afirmou que se reencarnaria em nossa família; acrescentou que nasceria enfêrmo e assim permaneceria até sua morte, aos seis anos de idade. A uma pergunta minha, êle deu a razão dessa curta reencarnação: «Eu não me tratei no curso de minha última existência e apressei minha morte, seis anos antes; devo, pois, completar essa vida.» Não tinhamos relações com a família, mas por intermédio de

um agente de polícia amigo, obtivemos confirmação dos factos, sem que o policia conhecesse a razão de nossas investigações. Foi êle próprio que nos forneceu os primeiros esclarecimentos. Com efeito a criança nasceu enfêrma e, a despeito de todos os cuidados dos pais, morreu, como fora anunciado, aos seis anos de idade, em outubro de 1938.

«Durante êsses seis anos, Pierre D... não deu sinal de vida por intermédio de qualquer dos médiuns. Mas após a morte de referida criança, êle voltou (em fevereiro de 1939) dar-nos suas notícias. Alguns anos depois, de novo anunciou sua reencarnação (desta vez por intermédio de sua própria filha), fornecendo diversos indícios. A filha casou-se em 1944; a criança nasceu a 13 de Junho de 1945.

«Tudo faz crer que se trata de reencarnação de Pierre D... Física e moralmente o menino se assemelha a Pierre D..., que nós conheciamos. Reconhecemos certas tendências e diversos indícios mostram que se trata bem do espírito reencarnado. Mas esperemos, por que Pierre D... prometeu, no momento em que se despedia, fornecer provas de sua reencarnação.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Operado por um Espírito na residência do poeta Sergipano

Depois da intervenção, caminhou sem o auxílio das muletas — Assistiram ao ato várias pessoas inclusive médicos

Subordinada ao título e sub-título supra, «A Tarde», de Salvador, Bahia, de 26 de Abril último, publicou circunstanciada notícia, enviada pelo seu correspondente em Aracajú, relatando um caso sensacional de operação clínica praticada por médico do Espaço, na pessoa do sr. João Menezes de Oliveira, agricultor, residente à rua Laranjeiras, naquela capital.

O sr. José Menezes de Oliveira, segundo a narrativa em aprêço, tendo há seis anos passados sofrido um grave acidente, desde então se achava impossibilitado de se locomover sem o auxílio de muletas.

No dia 10 daquêle mês compareceu êle, ás 19 horas, à residência do poeta Freire Ribeiro, onde se vinham realizando sessões espíritas, e aí, pelo próprio beletrista, que é médium vidente, foi visto junto ao visitante o Espírito de um médico francês, que declarou iria operar o sr. Oliveira, cujo retrato «A Tarde» também inseriu.

«O dono da casa presenciou então o Espírito aproximar-se do doente e aplicar-lhe uma injeção, tendo êste, no momento, sentido a dôr produzida pela mesma. Diante do acontecido, Freire Ribeiro foi à residência do dr. Waldir Barreto de Andrade, médico, que mora defronte à sua casa, pedindo-lhe para acompanhar, como médico, tudo quanto se passava».

«Ao chegar o dr. Waldir, o Espírito «apoderou-se» do doente e apertou a mão do mesmo, declarando que iria operar imediatamente o sr. José Oliveira. Nesse momento deu-se o fenômeno: José Oliveira movimentou a perna aleijada e, atirando as muletas ao chão, percorreu a casa, pulando, por fim, diante do médico, dr. Waldir Barreto de Andrade».

Tendo o operador espiritual prometido voltar no dia 17 para continuar o tratamento, à hora aprasada reuniram-se no mesmo local mais de 20 pessoas, entre as quais os medicos drs. Antonio Garcia Filho, João França Santana e Nelson Tavares da Mota e nessa ocasião o Espírito, que dera o nome de R. Charles, neuro-operador francês já falecido, prosseguiu o trabalho operatório, ao fim do qual o paciente, que antes tinha a perna tão dolorida a ponto de não poder tocá-la, caminhou normalmente até à sua casa, numa distância de cêrca dum quilómetro, seguido de e-

norme multidão tomada de curiosidade e de espanto.

O Diagnóstico formulado pelo Espírito

O mais sensacional — remata o noticiarista—é que José Oliveira, que nada entende de medicina, vivendo simplesmente do cultivo de abêlhas, em sua residência, desde que ficou aleijado, (antes era agente de seguros), escreveu tomado pelo Espírito operador, o seguinte:

DIAGNÓSTICO: a) Lesão — ou diagnóstico: ferimento contuso na região glutea, seccionando as artérias ciáticas, nervos ciáticos e veias; b) não há lesões teninosas; c) Hipertrofia no ciático popiteo externo direito; d) alta de função na região do astrágolo. (a)—R. CHARLES.

Necrologia

Dr. Luiz Parigot de Souza

A's 19,30 horas do dia 3 de Abril do corrente ano, nesta cidade, Curitíba, Paraná, à rua Emiliano Perneta, 831, desincarnava o dr. LUIZ PARIGOT DE SOUZA, médico notabilissimo e extraordinário médium de efeitos físicos e de voz direta.

Encontrei-o nos últimos dias de sua existência terrena no leito de dôr, rodeado da família e dos amigos, certo do seu próximo fim, mas e sobretudo certo de que a morte é a ressurreição. Desencarnou com serenidade e reconhecido com a vida, que desfrutára, e lhe déra a conhecer a verdadeira solidariedade humana.

Foi grande médico do corpo. Os enfêrmos nêle encontravam o consolador, o remédio e o alívio e, muitas vezes, a cura.

Pensador, a tribuna popular e a dos recintos fechados constituiam-lhe a fôrça para defender o oprimido, e combater o êrro, para edificar um mundo melhor e mais instruído para acelerar o progresso social. A sua palavra sempre foi brilhante, eloquente e profunda. Sofreu muito no seu apostolado libertário, porque a iniquidade o constrangia e o prendia. Muitas vezes foi perseguido, e perdeu cargo público porque entendia que a sua consciência não estava submetida às conveniências pessoais, mas estava ao serviço do bem coletivo.

Médium, superiormente inspirado, colocava-se humilde e devotado aos deveres de sua mediunidade, e muita gente, antes incrédula e não rara zombeteira, recebeu o bálsamo da prova da imortalidade da alma. Os espíritos falavam aos assistentes, e os assistentes, que antes não se importavam com os problemas do «Além», passaram a compreender o Espiritismo. Quem o visse discorrer sôbre o Espiritismo ficava-lhe grato pelas salutares lições. Em verdade, o Espiritismo é a doutrina da ternura e do estímulo.

Eu que o conheci posso afirmar que êle sempre foi «o médico das almas», no sentido próprio do têrmo. Agora, no «Além», continuará mais forte a batalhar pelo bem da humanidade e há de vêr que as suas idéias, pensamentos e planos de vida melhor para o mundo e para a humanidade não é uma quimera, mas profunda realidade.

Que Deus o ampare.

Francisco Raitani.

De «Boletim Espírita», de Curitíba, Paraná.

Com o conhecimento da Verdade que Jesus vos legou, o Espiritismo está edificando nas almas a verdadeira fé, que tem por base a Imortalidade. Esforçai-vos, portanto, no sentido de difundir o mais e o melhor possível, esta doutrina de vida eterna e amor, afim-de vos tornardes partícipes da obra do Senhor. — CAIRBAR.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro